



IPL

instituto politécnico
de leiria

**Provas Especialmente Adequadas
Destinadas a Avaliar a Capacidade para a Frequência
dos Cursos Superiores do Instituto Politécnico de Leiria
dos Maiores de 23 Anos**

Prova de Cultura Geral

Instruções gerais

1. A prova é constituída por quatro grupos de questões, sendo o grupo 1 de resposta obrigatória. Dos restantes três, deverá responder apenas a dois deles.
2. A duração da prova é de 2 horas, estando prevista uma tolerância de 30 minutos.
3. Só pode utilizar, para elaboração das suas respostas e para efetuar os rascunhos, as folhas distribuídas pelo docente vigilante.
4. Não utilize qualquer tipo de corretor. Se necessário, risque ou peça uma troca de folha.
5. Não é autorizada a utilização de quaisquer ferramentas de natureza eletrónica (telemóvel, pda, computador portátil, leitores/gravadores digitais de qualquer natureza ou outros não especificados).
6. Deverá disponibilizar ao docente vigilante, sempre que solicitado, um documento válido de identificação (bilhete de identidade, cartão do cidadão, carta de condução ou passaporte).
7. Admite-se que os candidatos utilizem nas respostas a este exame quer a antiga, quer a nova ortografia, uma vez que ainda está em vigor o período de transição do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Devem contudo indicar no início da prova, para efeitos de correção, a ortografia que vão utilizar. Caso nada indique, a prova será corrigida de acordo com o novo Acordo Ortográfico.

Grupo 1
Resposta obrigatória

Ciência e Tecnologia

A ciência e a tecnologia trouxeram consigo problemas agudos de devastação ecológica, desequilíbrio económico e distorções éticas – outros tantos lugares-comuns bem conhecidos. Em termos ecológicos e de ideais de sensibilidade, o custo das revoluções científicas e tecnológicas dos quatro últimos séculos foi muito elevado. Mas a despeito das críticas anarquizantes e bucólicas, como as formuladas por Thoreau e Tolstoi, poucos foram os que radicalmente duvidaram da necessidade do trajecto. Nesta certeza amplamente irreflectida houve uma componente de apetite económico, uma imensa fome de conforto e abundância material. Mas houve também um mecanismo muito mais profundo: a convicção, entretecida intimamente nas fibras do Ocidente, pelo menos desde Atenas, de que a investigação intelectual deve prosseguir, de que se trata de um movimento natural e meritório em si mesmo, de que a relação do homem com a verdade é uma relação de persistência na busca (o brado com que Sócrates açula os cães ao encurralar a presa ressoa ao longo de toda a nossa história). Abrimos as portas sucessivas do *Castelo do Barba Azul* porque “há portas”, porque cada uma delas leva à seguinte mediante uma lógica de intensificação em que o espírito toma consciência do seu próprio ser. Deixar uma porta fechada seria não só uma cobardia como uma traição – radical, automutiladora – da atitude de indagação, persistente na busca, incolmatável da nossa espécie. Somos caçadores que perseguem a realidade, leve esta onde levar. As ameaças, os perigos afrontados são da mais flagrante evidência. Mas tal é, ou foi até muito recentemente, o pressuposto axiomático e o *a priori* da nossa civilização, sustentando que o homem e a verdade são companheiros, que os seus caminhos se abrem para diante e dialecticamente se articulam.

Steiner, G. (1992). *No castelo do Barba Azul*
(M. S. Pereira, Trad.) (pp. 137-138). Lisboa: Relógio d'Água (ed. or. 1971)

George Steiner problematiza a relação ciência, tecnologia e progresso no texto que acabou de ler. Aborda o dilema de saber se a investigação intelectual não abrirá portas para realidades que são contrárias às nossas reservas morais. Mas diz mais à frente, neste mesmo texto, que “abrir portas é o trágico preço da nossa identidade”.

1ª questão:

O que pensa desta contradição e deste dilema? Devemos continuar a arriscar o pensamento (encarando a autodestruição como um possível)? Ou resignamo-nos e desistimos?

A título exemplificativo, e com carácter facultativo, seguem-se alguns tópicos para um possível desenvolvimento da sua resposta. Pode apoiar-se neles se quiser e como quiser:

- A ideia de que podemos/devemos continuar a praticar uma cultura racional associada, na era clássica, ao sonho do progresso;
- O confronto divergente de duas lógicas, quando se faz a distinção entre duas culturas: a do cientista e a do humanista;
- O encontro entre a ciência pura e a aplicação tecnológica na “engenharia” biomédica, na informatização e nas alterações ecológicas;
- Os efeitos do progresso tecnológico-científico nos ideais de partilha da vida interior, dos tempos livres e dos afetos partilhados.

Grupo 2, Grupo 3, Grupo 4
Destes grupos, escolha apenas dois para responder

Grupo 2

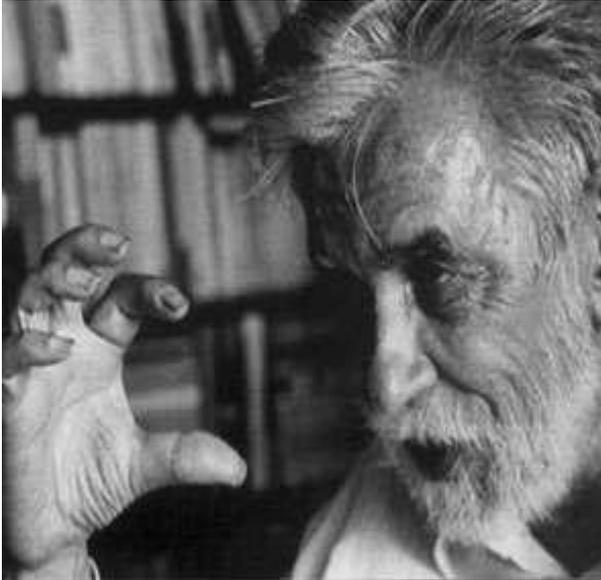


Imagem: fotografia de António Ramos Rosa
in <http://livrespensantes.blogspot.pt/2011/09/sobre-poesiaix.html>

Num certo sentido só falamos de nós.
Contudo, as nossas palavras essenciais falam sozinhas. Nós pronunciamos-las para nos falar. A plenitude frágil dessa autonomia - uma palavra que é menos nossa do que nós somos dela - guarda como o diamante a luz do ser que nos é acessível. Como o diamante ela é o resultado da mais rara das vitórias sobre a noite, opacidade nossa e do mundo, vitória sempre precária pois sob a transparência é fácil descobrir o carvão transfigurado. Essa palavra que é suprema nomeação sem a poder ser totalmente, que pede e suporta a metamorfose permanente que a tira da morte para a vida é um dos nomes da Poesia.

Laurenço, E. (1969, 11 dezembro). António Ramos Rosa ou o excesso do real. *Diário de Notícias*.
acedido a 22.03.2012, em <http://leduardolourenco.blogspot.pt/2011/06/num-certo-sentido-so-falamos-de-nos.html>

Em qualquer parte um homem
discretamente morre.

Ergueu uma flor.
Levantou uma cidade.

Enquanto o sol perdura
ou uma nuvem passa
surge uma nova imagem.

Em qualquer parte um homem
abre o seu punho e ri.

Rosa, A. (1958) *O Grito Claro* apud *Antologia poética*. Lisboa: Publ. Dom Quixote, 2001: 29

Eduardo Lourenço escreveu estas palavras em 11 de dezembro de 1969, no *Diário de Notícias*, no artigo intitulado *António Ramos Rosa ou o excesso do real*.

2ª questão:

Leia o poema de António Ramos Rosa, transcrito da *Antologia poética*, e sirva-se dele para refletir sobre a presença da biografia no discurso poético.

Grupo 3

Portugal teve aumento de 60% de culturas geneticamente modificadas

A área cultivada com milho geneticamente modificado subiu cerca de 60 por cento em 2011, face ao ano anterior, e atingiu 7.843 hectares em Portugal, informou hoje o Centro de Informação de Biotecnologia [CiB].

Em comunicado, o CiB aponta que, na Europa, o aumento da área de produção de culturas transgénicas foi de 20% e chegava aos 114.607 hectares, no ano passado.

Entre os países europeus referidos, Portugal ocupa o segundo lugar em termos de terreno ocupado com culturas transgénicas, depois da Espanha, com 97.326 hectares.

A República Checa aproxima-se de Portugal com 5.090 hectares de milho geneticamente modificado, a que acresce 150 hectares de batata.

Em 2011, foram cultivados 160 milhões de hectares com culturas geneticamente modificadas em 29 países, o que representa um crescimento de 8% face ao ano anterior.

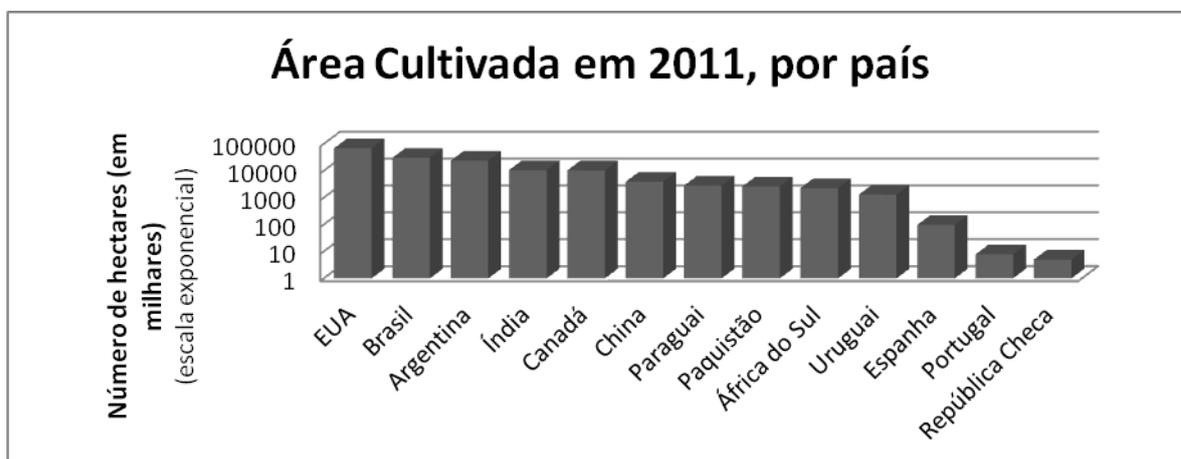
Na União Europeia, só é permitido o cultivo de milho *bt* e batata *amflora*, entre as culturas geneticamente modificadas, estando a aguardar autorização 22 culturas, entre as quais soja e beterraba.

«Os 19 países em desenvolvimento que utilizaram variedades transgénicas duplicaram a área cultivada e produziram quase 50% de todas as culturas geneticamente modificadas a nível global, em 2011», segundo a CiB.

«Um total de 16,7 milhões de agricultores usufruiu das vantagens da tecnologia da engenharia genética de plantas e 90% deles habitam em países em desenvolvimento», acrescentou.

Os EUA lideraram este tipo de produção, com 69 milhões de hectares, seguido do Brasil, com 30,3 milhões.

Lusa/SOL, edição *online* de 8 fevereiro 2012
acedido a 12 .02.2012, em http://sol.sapo.pt/inicio/Sociedade/Interior.aspx?content_id=41003



3ª questão:

Num texto claro e preciso, explique os seguintes tópicos:

- Diga o que entende por organismos transgénicos;
- A partir do texto e do gráfico, faça o enquadramento de Portugal enquanto país produtor de espécies vegetais transgénicas;
- Explique por que razão o cultivo destas espécies está rodeado de polémica, identificando as vantagens e as desvantagens da utilização destes organismos.

Grupo 4

João Salaviza vence Urso de Ouro para melhor curta



João Salaviza recebeu o Urso de Ouro das mãos do realizador Dieter Kosslick (Fabrizio Bensch/Reuters)

João Salaviza considera *Rafa* como o terceiro capítulo de uma espécie de trilogia iniciada com *Arena*, em 2009, e continuada com *Cerro Negro* (encomenda do programa *Próximo Futuro* da Gulbenkian), no ano passado.

A nova curta-metragem do jovem realizador português, de 27 anos, conta a história de um adolescente que se aventura do interior da sua casa do subúrbio para visitar a mãe numa prisão de Lisboa. De repente, vê-se com um bebé nas mãos, angustiadamente adulto, avançou ao *epsilon*.

Miguel Gomes, o português que estava em competição nas longas-metragens, foi galardoado com o prémio *Alfred Bauer*, atribuído a um filme que abra novas perspetivas para o cinema. Este é o segundo prémio arrecadado em Berlim com *Tabu*, depois de ontem, sexta-feira, lhe ter sido atribuído o prémio *Fipresci* pela crítica internacional presente na capital alemã.

Torres, H. (2012, 12 fevereiro). João Salaviza vence Urso de Ouro para melhor curta. *Público online* acedido a 26.03. 2012, em <http://www.publico.pt/Cultura/joao-salaviza-vence-urso-de-ouro-para-melhor-curta153437>

Ano após ano, o cinema português vai acumulando distinções internacionais, colhendo prémios nos mais destacados festivais de cinema, recebendo elogios da crítica especializada e da imprensa de referência como uma das cinematografias mais singulares do cinema contemporâneo.

Apesar deste acolhimento e aclamação internacionais, entre nós, os números de bilheteira apresentam uma realidade desoladora onde se evidencia um persistente desinteresse do público português pelo seu cinema e uma presença hegemónica do cinema *mainstream* americano.

4ª questão:

Tomando como referência este contexto e o pretexto da notícia citada, apresente uma reflexão, tão exaustiva e objetiva quanto possível, sobre as razões de natureza cultural, sociológica, política, económica ou outras pertinentes, que estão na base deste desinteresse do público português pelo cinema feito em Portugal.